

LOUCURA E DIFERENÇA FEMININA EM WIDE SARGASSO SEA

*Danielle Marques**

Resumo: O romance *Wide Sargasso Sea*, de Jean Rhys, foi elaborado como uma estratégia ficcional de dar voz à personagem Bertha Mason, “a louca do sótão” do romance *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë. Inspirando-nos no artigo *Women and madness: the critical phallacy*, de Shoshana Felman, procuramos entender como a loucura de Antoinette (Bertha) é construída, pois o conceito Loucura, contraposto à Razão, é concebido à revelia de quem se encontra “alienado” da ordem estabelecida. No romance, a criação da loucura de Antoinette é uma reação à ameaça que ela representa aos padrões femininos de conduta concebidos como “normais”. Assim, procuramos demonstrar como se dá a construção da loucura da protagonista em *Wide Sargasso Sea*, conceituada e imposta a partir da falta de reconhecimento de sua feminilidade.

Palavras-chave: loucura; feminino; diferença.

Abstract: The novel *Wide Sargasso Sea* by Jean Rhys was elaborated as a fictional strategy to give voice to the character of Bertha Mason, “the madwoman in the attic” from the novel *Jane Eyre* by Charlotte Brontë. Inspired in the article *Women and madness: the critical phallacy* by Shoshana Felman, we try to understand how Antoinette’s (Bertha’s) madness is built, since the concept Madness, opposed to Reason, is conceived in default of the one who is “alienated” from the established order. In the novel, the creation of Antoinette’s madness is a reaction to the threat she represents to the feminine conduct standard conceived as “normal”. In this way, we try to demonstrate how the protagonist’s madness is built in *Wide Sargasso Sea*, conceived and imposed due to the lack of recognition of her femininity.

Keywords: madness; feminine; difference.

O romance *Wide Sargasso Sea*, da escritora caribenha Jean Rhys, publicado em 1966, foi elaborado como uma estratégia ficcional de dar voz à personagem Bertha Mason, a “louca do sótão” do romance *Jane Eyre*, da escritora inglesa Charlotte Brontë, publicado em 1847. Através da perspectiva de Antoinette (Bertha), na primeira e na terceira partes do romance, e de Rochester, na segunda parte, *Wide Sargasso Sea* narra

* Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Atualmente é doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (PPGL-UFPB) e Professora Assistente Substituta do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal da Paraíba (DLEM-UFPB), onde atua nas áreas de Teoria Literária, Literatura Inglesa e Língua Inglesa. Pesquisadora do Círculo de Estudos Avançados em Dramaturgia, grupo de pesquisa cadastrado no CNPq, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Sandra Luna e pela Prof^a. Dr^a. Suzi Frankl Sperber.

este encontro entre colonizador e colonizado e suas desastrosas conseqüências para Antoinette.

A loucura de Bertha, descontextualizada e criminalizada em *Jane Eyre*, toma outras formas, adquire novos contornos no romance de Rhys. A loucura de Antoinette em *Wide Sargasso Sea* é sadicamente induzida e manipulada por aqueles que a rodeiam e, finalmente, convenientemente arrematada por Rochester. Duvidamos da loucura da protagonista, pois o conceito Loucura, contraposto à Razão, é cunhado e concebido à revelia daquela que se encontra “alienada” da ordem estabelecida, daquela que, por ser diferente, é excluída e aniquilada, pois representa uma ameaça aos padrões de conduta e comportamento concebidos como “normais”. Inspirando-nos no artigo *Women and madness: the critical phallacy* (“Mulheres e loucura: a falácia crítica”) de Shoshana Felman, procuramos entender como a loucura de Antoinette em *Wide Sargasso Sea* é mais conceituada, imposta por outros, do que inerente ao caráter da personagem.

Felman apóia-se, entre outras referências, nas idéias de Jacques Derrida e em seu método de desconstrução da metafísica ocidental. De acordo com o método de Derrida, a lógica metafísica que prevalece no pensamento filosófico ocidental tem se alicerçado em oposições dicotômicas (Presença/Ausência, Verdade/Erro, Identidade/Diferença, etc), que, sutilmente, justificam a hierarquização, a valorização dos pólos positivos em detrimento dos pólos negativos, subordinados e qualificados em relação aos primeiros¹. Felman aponta para mais uma oposição dicotômica: Masculino/Feminino, na qual o Masculino representa o pólo positivo e o Feminino seria o não-Masculino, a negatividade do masculino, aquilo que é definido, não em sua própria existência, mas em relação ao seu respectivo pólo positivo. De maneira análoga, Felman contrapõe Razão/Loucura, sendo esta última definida de acordo com os princípios lógicos e racionais do pólo positivo Razão, sendo a sua negação. Nosso trabalho posiciona a Loucura de Antoinette em *Wide Sargasso Sea* como um conceito que, assim como nas dicotomias Masculino/Feminino, Identidade/Diferença, é entendido a partir de seu pólo positivo (Razão), não sendo aplicável a Antoinette, já que esta é incompreendida por aqueles que a cercam e, principalmente, por Rochester, que, com o poder que lhe é conferido, decreta o seu destino e seu estado de loucura.

¹ Cf. FELMAN, 1975, p. 3.

Antoinette reúne em sua caracterização muitos elementos considerados “negativos” dentro do sistema de oposições já mencionado, um sistema de valores delimitado culturalmente. Sua infância é ambientada na Jamaica, logo após o Ato de Emancipação de 1833, que deu liberdade aos escravos negros. Filha de um ex-proprietário de terras e escravos, que, falecido, deixa a propriedade decadente e arruinada para a sua mãe, Antoinette, desde cedo, sofre os efeitos da discriminação e convive com ela. Os ex-escravos odeiam a sua família, pois, para eles, ela representa o antigo sistema econômico opressor, que funcionava à custa da exploração de seus antepassados. Além disso, sua mãe, Annette, é extremamente hostilizada pelo fato de não ser da Jamaica, na época, uma colônia britânica protestante, mas da ilha de Martinica, colônia francesa católica. O fato de Annette estar despreparada para aquela nova situação econômica e querer escapar dela através do isolamento, aliado à doença mental de seu filho mais novo, Pierre, acabaram por favorecer fofocas a respeito da sua saúde mental e a da própria Antoinette, como se toda a família já estivesse condenada à loucura.

Antoinette não consegue identificar-se com os grupos presentes naquele contexto em que vive. De um lado, ela não é negra, nem ex-escrava, portanto, é discriminada, junto com a sua família, por ex-escravos. Por outro lado, havia os real white people, ingleses, que, aproveitando-se da crise dos ex-proprietários de terra, diante da nova situação econômica, investiam em terras jamaicanas a preços módicos. Diante destes europeus, Antoinette e sua mãe também se sentem inferiorizadas, tanto por questões econômicas, pois os ingleses são ricos de verdade, quanto por questões raciais, pois são brancos de verdade, e não creoles², como elas.

No âmbito privado, Antoinette também se sente negligenciada e dividida. Após o casamento de sua mãe com Mason, personagem inglês que representa os mais novos proprietários de terra na Jamaica, e com a interferência do estilo de vida britânico naquele cenário, os conflitos de identidade de Antoinette tendem a se agravar, como podemos observar a partir do seguinte trecho do romance:

So I looked away from her at my favourite picture, ‘The Miller’s Daughter’, a lovely English girl with brown curls and blue eyes and a dress slipping off her shoulders. Then I looked across the white tablecloth and the vase of yellow roses at Mr Mason, so sure of

² Nome dado aos descendentes de europeus ou de africanos nascidos e naturalizados nas ilhas do Caribe.

himself, so without a doubt English. And at my mother, so without a doubt not English (...) (RHYS, 2000, p. 18) ³

Antoinette tem consciência de que não é inglesa, de que não é uma Miller's daughter, assim como também não é negra, nem ex-escrava, nem proprietária de terras e escravos. Assim, sob esta perspectiva, se levarmos em conta as tais oposições dicotômicas que têm estruturado o pensamento ocidental, Antoinette está completamente inserida nos pólos negativos. Na conjuntura em que vive, a sua identidade é composta de fragmentos, sem um sentimento sólido de pertença a um grupo específico.

A loucura de Annette, além de ser um elemento importante no romance, é um fator determinante para o destino de Antoinette. Embora a narrativa de Rhys não seja muito clara em relação a este aspecto, sendo esta situação revelada aos poucos e de modo disperso, o que podemos interpretar é que a partir do momento em que Annette é abandonada por Mason em uma "casa de repouso", esta circunstância, na qual ela é constantemente abusada moral e até sexualmente, associada à perda de sua propriedade e de seu filho, Pierre, aceleram o seu estado de perturbação mental. Convém perguntar: isto é loucura? Ou isto é perfeitamente "normal", levando-se em consideração que qualquer ser-humano, considerado são, poderia ter o mesmo destino, caso exposto às mesmas condições de sofrimento e abuso? De qualquer modo, para as pessoas do lugar, Annette enlouqueceu e o mesmo não tardaria a acontecer com sua filha, Antoinette, cujo nome contém, simbolicamente, o nome da mãe (Antoinette), ou seja, cuja trajetória de vida contém a história da mãe. Assim, seu destino já estava decretado pela população local, tal qual a maldição grega (até) que, lançada pelos deuses, perseguem os membros de uma família através de gerações, sem dar a eles chances de escapar⁴.

Com a morte de Mason, seu filho do primeiro casamento, Richard, passa a administrar os bens da família e a tomar conta de Antoinette, a quem Mason lega uma considerável soma de dinheiro. Richard é quem articula o casamento de Antoinette com Rochester, acreditando ser esta uma união vantajosa para a irmã, pois Rochester é inglês legítimo, com formação clássica e aristocrática. Para este, que assume a voz da

³ "Então eu desviei o olhar dela para o meu quadro favorito, 'A Filha de Miller', uma adorável menina inglesa, de cachos castanhos e de olhos azuis e com um vestido caindo de seus ombros. Então, olhei por sobre a toalha branca da mesa e por sobre o vaso de rosas amarelas para o senhor Mason, tão seguro de si mesmo, tão, sem dúvida alguma, inglês. E para a minha mãe, tão, sem dúvida alguma, não inglesa (...)" (Tradução nossa)

⁴ Cf. VERNANT & VIDAL-NAQUET, 2005, p. 36.

narrativa na segunda parte do romance, tal união era vantajosa para que ele pudesse adquirir seus próprios bens, pois seu pai e seu irmão mais velho não estavam dispostos a dividir com ele o patrimônio da família. Nesta configuração patriarcal, Antoinette, mais uma vez, está inserida em mais um pólo negativo de uma outra oposição dicotômica: Masculino/Feminino. Antoinette é a mulher, primeiramente irmã, pertencente, juntamente com os outros bens legados por Mason, a Richard. Depois do casamento, tudo o que lhe pertencia, inclusive ela mesma, passa a ser de Rochester. Sem mencionar que, ao casar-se com um inglês, Antoinette repete a história da mãe, o que já podemos interpretar como um prenúncio de seu trágico desfecho. Além disso, repete-se a dicotomia, Europeu/Creole, na qual Antoinette também é inserida no pólo negativo. Assim, Rochester encontra em Antoinette uma figura com uma auto-estima bastante abalada, atacada pelos mais diversos fatores que compuseram a sua história de vida, e uma identidade estilhaçada, o que a torna vulnerável diante de seu caráter orgulhoso e inteiriço.

Rochester, casando-se por dinheiro, sente-se na presença de uma estranha em seus primeiros contatos com Antoinette, assim como ele estranha o clima, as reações da natureza e a cultura local. Tudo lhe parece ser muito diferente da Inglaterra e de seus hábitos vitorianos. Porém, da mesma forma como ele se sente extremamente atraído pela beleza e sensualidade de Antoinette em sua lua-de-mel, ele acaba por se entregar aos prazeres e à contemplação da natureza local. Entendemos esse momento de Rochester como o momento de admiração do europeu diante do exotismo e da exuberância locais, sendo Antoinette aí incluída. Contudo, ele não está tranqüilo, algo o intriga desde o primeiro instante, tanto no cenário em que se encontra, quanto na mulher com quem se casou: “It was a beautiful place – wild, untouched, above all untouched, with an alien, disturbing, secret loveliness. And it kept its secret. I’d find myself thinking, ‘What I see is nothing – I want what it hides (...)’” (RHYS, 2000, P. 54)⁵. Rochester não se satisfaz em olhar, em admirar o local. Como um colonizador, ele quer explorar seus mistérios, descobrir seus segredos, possuir sua loveliness. Ele procede da mesma forma com Antoinette. Rochester reconhece que há algo nela que escapa a sua compreensão, algo diferente, que não consegue apreender. Ela diverge dos padrões de feminilidade da cultura vitoriana, conhecidos por ele. Isto o atrai, mas

⁵ “Era um lugar bonito – selvagem, intocado, acima de tudo intocado, com um encanto estranho, perturbador, secreto. E mantinha seu segredo. Eu me flagrava pensando, ‘O que eu vejo é nada – eu quero o que se esconde (...)’ (Tradução nossa)

o ameaça ao mesmo tempo: “I was waiting for the scent of the flowers by the river – they opened when darkness came and it came quickly. Not night or darkness as I knew it but night with blazing stars, an alien moon – night full of strange noises.” (RHYS, 2000, p. 55)⁶.

Esta passagem, permeada de conotações sexuais, é um flagrante do simultâneo encantamento e estranhamento por parte de Rochester. Antoinette apresenta-se como extremamente sedutora e atraente para ele, mas, ao mesmo tempo, é uma alien, oferecendo-lhe uma noite diferente das noites que ele conhece. Sentindo-se ameaçado por essa diferença, por sua incapacidade de apreender o que se apresentava a ele de maneira tão sedutora e desconhecida, Rochester cria uma estratégia defensiva para não se entregar, para não se deixar dominar – afinal de contas ele é quem é o dominador, Homem, Europeu, Colonizador – e assim, deixa-se levar pelas fofocas locais a respeito da loucura de Antoinette. Desta maneira, ele acredita possuir o “segredo” que faz com que se sinta estranhado diante de sua esposa, restaurando, assim, sua força, controle e domínio.

Felman, em seu já mencionado estudo, especula sobre o que vem a ser o Feminino na dicotomia Masculino/Feminino. Para ela, a feminilidade é o que difere a mulher do homem, mas sem deixar de ser uma projeção masculina de si mesmo. Em outras palavras, o conceito de feminilidade existe numa relação de dependência com as expectativas masculinas a respeito do outro sexo. Ser feminina é ser o que o homem deseja que a mulher seja para ele, de forma que ele, paradoxalmente, consiga se enxergar nela, vendo ali, narcisisticamente, suas projeções masculinas realizadas⁷. Prosseguindo em seu raciocínio, Felman chega à conclusão de que a Loucura – pelo menos a feminina, já que, histórica, cultural e até literariamente, a loucura está associada ao universo feminino – como pólo negativo contraposto à Razão, é a ausência de feminilidade para os olhos masculinos. É quando a mulher se comporta de maneira diversa da esperada, quando ela foge dos padrões de feminilidade, quando ela se desvia da noção, culturalmente criada, do que é ser mulher. Diante da falta de reconhecimento experimentada pelo homem diante de uma mulher que não “lembra” a ele (resembles) o que é o feminino e, conseqüentemente, o que é ele mesmo, ele a

⁶ “Eu estava esperando pelo perfume das flores próximas do rio – elas abriam quando a escuridão chegava e chegava rapidamente. Não a noite ou a escuridão como eu conhecia, mas noite com estrelas ardentes, uma lua estranha – noite cheia de estranhos barulhos.” (Tradução nossa)

⁷ Cf. FELMAN, 1975, p. 8.

qualifica de louca. O homem supõe ter autoridade para isso, já que a história ocidental comprova a associação entre o sexo masculino e a Razão e a Lógica:

If so, the woman is “madness” since the woman is difference; but “madness” is “non-woman” since madness is the lack of resemblance. What the narcissistic economy of the masculine universal equivalent tries to eliminate, under the label “madness”, is nothing other than feminine difference. (FELMAN, 1975, p. 8) 8

O mesmo parece se dar com o estranhamento experimentado por Rochester quando ele entra em contato com uma mulher estrangeira, pois nada em Antoinette lembra a ele os padrões de comportamento femininos vitorianos. Ela é fisicamente diferente, muito espontânea, natural e sensual, o que o atrai imensamente, não para o amor, mas para o “consumo”: “I did not love her. I was thirsty for her, but that is not love. I felt very little tenderness for her, she was a stranger to me, a stranger who did not think or feel as I did.” (RHYS, 2000, p. 58)⁹. Essa diferença mal-compreendida, que o desafiava, levou-o a, convenientemente, acreditar nas fofocas de que ele fora propositalmente levado a se casar com uma mulher louca, cujo destino, a exemplo do de sua mãe, já estava selado.

Ainda segundo Felman, diante da diferença feminina, o homem não se identifica como sujeito e é levado a entender, perscrutar, explorar aquela diferença, até “curá-la”, até reconhecer-se no objeto observado, ou até aniquilá-lo¹⁰. Rochester tenta promover este aniquilamento primeiramente pelo sexo, conduzindo Antoinette a uma morte simbólica:

‘Die then! Die!’ I watched her die many times. In my way, not in hers. In sunlight, in shadow, by moonlight, by candlelight. In the long afternoons when the house was empty. Only the sun was there to keep us company. We shut him out. And why not? Very soon she was as eager for what’s called loving as I was – more lost and drowned afterwards. (RHYS, 2000, p. 57) 11

⁸ “Se assim, a mulher é ‘loucura’ desde que a mulher seja *diferença*; mas ‘loucura’ é ‘não-mulher’ desde que a loucura seja a *falta de semelhança*. O que a economia narcisista do equivalente universal masculino tenta eliminar, sob o rótulo de ‘loucura’, é nada mais do que a *diferença feminina*.” (Tradução nossa)

⁹ “Eu não a amava. Eu era sedento por ela, mas isto não é amor. Eu sentia muito pouco carinho por ela, ela era uma estranha para mim, uma estranha que não pensava nem sentia como eu.” (Tradução nossa)

¹⁰ Cf. FELMAN, 1975, pp. 8-9.

¹¹ “Morra então! Morra!” Eu a observei morrer muitas vezes. Do meu jeito, não do dela. À luz do sol, na penumbra, à luz da lua, à luz de velas. Nas longas tardes quando a casa estava vazia. Apenas o sol estava ali para nos fazer companhia. Nós o trancávamos do lado de fora. E por que não? Muito rapidamente, ela estava tão ávida pelo que é chamado amor quanto eu – mais perdida e submersa depois.” (Tradução nossa)

Depois, por meio da completa posse de seus bens e dela mesma, ao consolidar a sua “loucura”, sua alienação, por meio de seu Silêncio, em mais uma oposição dicotômica, na qual Rochester se insere no pólo positivo (Discurso), enquanto Antoinette se insere no pólo negativo: “I looked at her. She was staring out to the distant sea. She was silence itself.” (RHYS, 2000, p. 109)¹²

Entregue a um relacionamento no qual não era amada, sentindo uma crescente hostilidade, desta vez, advinda de seu marido, que, sadicamente, a persegue com um dos nomes de sua mãe, Bertha, aludindo ao trágico destino que a aguardava, ainda sendo testemunha da relação extraconjugal que ele teve com uma das criadas da casa, Antoinette é levada a um desespero que a silencia, o que privilegia a posição de Rochester, Homem, Europeu, Colonizador, detentor da Razão e do Discurso. A única reação violenta de Antoinette se dá quando ela está bêbada, o que, se por um lado, justifica a sua agressividade, para Rochester, é um traço evidente de loucura. É ele quem conceitua a loucura de Antoinette, é ele quem arremata seu destino quando decide levá-la para a Inglaterra para ser encarcerada no sótão da mansão. Assim como sua mãe, Antoinette foi induzida à loucura por um homem que não entendia a sua diferença e, por isso, buscou aniquilá-la.

A partir de 1979, ano em que Sandra Gilbert e Susan Gubar publicaram *The Madwoman in the Attic* (“A louca do sótão”), a crítica feminista passou a interpretar a personagem Bertha Mason como um duplo de Jane em *Jane Eyre*, como o lado selvagem e transgressor da mulher, que precisava ficar escondido, pois a sociedade vitoriana não aprovaria tais modelos de comportamento. A “louca do sótão” (madwoman) passou inclusive a ser usado como sinônimo de escritora do século XIX que, inconformada com os padrões de comportamento rígidos de sua época, sentia-se transgressora por escrever, por participar de uma atividade até então exclusivamente masculina. Segundo esta proposta de leitura em palimpsesto de *Jane Eyre*, Jane possui um perfil rebelde, insano, inquieto, manifesto desde a sua infância. Contudo, este perfil é aparentemente soterrado pelas normas de conduta feminina da Inglaterra vitoriana, às quais Jane se adapta. Após obter independência financeira, através da herança deixada por seu tio, e alcançar crescimento pessoal e maturidade, Jane retorna para Rochester, casa-se, tem filhos e constitui uma família. De certa maneira, ela se ajusta ao modelo de comportamento feminino vitoriano. Por outro lado, Antoinette em *Wide*

¹² “Olhei para ela. Ela estava olhando fixamente para o mar distante. Ela era o próprio silêncio.” (Tradução nossa)

Sargasso Sea não se adequa, ela silencia diante daquele que não a compreende. E não devemos entender este silêncio como uma vitimização de si própria, como covardia ou qualquer coisa que a rebaixe. Muito pelo contrário, o silêncio de Antoinette é extremamente dignificante, é a representação de sua recusa em deixar o que é seu, em soterrar a sua história para buscar um modelo no qual ela não se reconhece.

Para finalizar, lembramos aqui da relação mãe-filha que, de acordo com os estudos feministas de Dorothy Dinnerstein, Nancy Chodorow e Adrienne Rich, permeiam a relação entre as escritoras¹³. Como uma filha que questiona a mãe, Rhys avança na proposição de Brontë, cujo romance, na Inglaterra vitoriana, já ousa ao trazer uma louca estrangeira que, apesar de escondida e presa, pode ser interpretada como um duplo de sua protagonista. Ao dar voz a uma personagem silenciada, ao mostrar a sua versão dos fatos, Rhys, ao mesmo tempo em que se deixa inspirar em Brontë – assim como uma mãe, a representação de uma autoridade literária – avança na discussão proposta, mostrando como a loucura pode ser construída por quem está investido de poder, e como o silêncio de Bertha Mason, em *Jane Eyre*, pode ser representativo da dignidade de Antoinette, em *Wide Sargasso Sea*. O título do romance de Rhys – referência ao mar que fica entre a Europa e as ilhas do Caribe – é bastante significativo das distâncias e diferenças entre Rochester e Antoinette: entre a Inglaterra e a Jamaica, entre a Razão e a conceituação da Loucura, existe a incapacidade de alcançar a significação da diferença feminina.

REFERÊNCIAS

BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre**. Oxford: Oxford University Press, 2000

FELMAN, Shoshana. “Women and madness: the critical phallacy”. In: *Diacritics*, Vol. 5, No. 4 (Winter, 1975).

GARDINER, Judith Kegan. “Mind mother: psychoanalysis and feminism”. In: GREENE, Gayle & KAHN, Coppelia (ed.). *Making a difference: Feminist Literary Criticism*. New York: Methuen & Co., 1985.

GILBERT, Sandra & GUBAR, Susan. **The madwoman in the attic: the woman writer and the nineteenth-century literary imagination**. New Haven : Yale University Press, 1979.

RHYS, Jean. *Wide Sargasso Sea*. London: Penguin Modern Classics, 2000, p. xvii.

¹³ Cf. GARDINER, 1985, pp. 131-139.

VERNANT, J.P. & VIDAL-NAQUET, P. *Mito e tragédia na Grécia antiga*. São Paulo: Perspectiva, 2005.